

CRIANÇAS FELIZES EM UM MUNDO SAUDÁVEL

Por Xavier Serrano

Disponibilizar os meios adequados para que as crianças cresçam alegres e felizes, desenvolvendo todas as suas capacidades e potencialidades, supõe um grande benefício para elas, mas também para a sociedade, porque é a semente que permitirá sua humanização e a salvação do planeta.

Era uma manhã fria e ensolarada de 1947, dois homens altos, fortes, já maduros, caminhavam por uma pequena calçada do bosque em torno à casa de um deles. Tratava-se do neuropsiquiatra de origem austríaca Wilhelm Reich e seu amigo, o famoso pedagogo inglês Alexander Neill, diretor da escola Summerhill. Eles, pelas restrições dos vistos aos europeus, não se viam desde 1939, ano em que Reich teve que emigrar para os Estados Unidos fugindo dos nazis, porém, as suas cartas tinham mantido viva a amizade e o intercâmbio de ideias, entre as quais eram ressaltadas as relacionadas com a autorregulação infantil, conceito em que ambos se referiam à capacidade das crianças para crescerem sadias e felizes, sempre e quando fosse respeitado seu ritmo natural de desenvolvimento.

De fato, era o tema que estavam discutindo. Tentavam concretizar as características próprias de uma criança feliz e as consequências pessoais, mas também sociais e políticas do sofrimento emocional durante a infância.

Nos adultos, a maioria das neuroses, depressões e psicoses eram consequência das privações afetivas, traumas e atitudes repressivas; nas crianças, achavam que essas mesmas alterações psicológicas poderiam predispor à falta de responsabilidade e compromisso social, o medo à liberdade, o sadismo encoberto, à procura distorcida da felicidade ou à incapacidade de amar, que era observado no comportamento geral das pessoas. Fatores que, junto às condições políticas e econômicas específicas, tinham levado Hitler ao poder e à defenestração da Europa, como já sinalizara o próprio Reich, em seu livro *Psicologia de massas do fascismo*.

Ambos coincidiam em que, para que o infante humano pudesse crescer de acordo com a sua própria natureza e pudesse alcançar a sua plenitude como pessoa, teria que colocar fim à educação patriarcal baseada na repressão, no castigo, na aprendizagem forçada e

no medo, fatores que provocam filtros perceptivos, adormecem a consciência, separam a criança do seu núcleo vital e articulam uma couraça rígida mental e corporal.

CONFIAR NO INSTINTO

Acabar com a educação patriarcal supunha um grande desafio, porque não se tratava somente de prevenir a psicopatologia, senão de demonstrar, além disso, que o considerado normal ou normativo e a ideia que tinham de saúde e felicidade eram o reflexo de uma convivência encouraçada e limitada, que Reich definiu como “neurose caracterial”.

Neill continuou publicando livros cuja referência principal era a experiência em sua escola, e Reich, com uma equipe interdisciplinar de umas quarenta pessoas, criou o Orgonomic Infant Research Center (Centro de Investigação Orgonômica da Infância) e foi o pioneiro de muitas das atividades que facilitaram o desenvolvimento de uma criança mais livre e feliz, a qual outros profissionais foram aprofundando. Entre elas, estão o acompanhamento emocional durante a gravidez, o nascimento sem violência, o estabelecimento de uma atmosfera vincular primária e a aplicação da sua experiência clínica com a Vegetoterapia Caracteroanalítica para prevenir a couraça rígida e reparar as consequências dos traumas infantis.

Porém, apesar do decorrer dos anos, o foco da psicologia e da pedagogia continua sendo a normalidade e a patologia, e continua sem se prestar a devida atenção ao que deveria ser a autêntica prioridade, ou seja, a saúde e a autorregulação. Isso supõe confiar na força do instinto: deixar que as crianças desenvolvam as suas capacidades ao seu ritmo, descobrindo o saber e a inteligência natural que tem o instinto mamífero humano.

APRENDIZAGENS FORÇADAS

A cada dia, aumentam as classificações e as etiquetas psicopatológicas diante de qualquer pequeno desvio da norma. Desta forma, as crianças que não conseguem adaptar-se ao ritmo forçado, à rigidez, à compulsividade e aos objetivos de conquista competitivos são imediatamente afastadas e enviadas ao especialista em normalizar, este, por sua vez, aplica os protocolos pertinentes em devolver a ovelha ao seu rebanho.

Estamos contaminados pela ideia de que devemos ensinar tudo às crianças e as observamos com um olhar de adultos em lugar de olhá-las como crianças. Transferimos, assim, nossos temores diante de seu crescimento e, sem querer, limitamos a sua

capacidade e distorcemos o processo de maturação humana. Por exemplo, querendo que aprendam a nadar com seis meses sem nenhuma necessidade, porque, nesse momento, o que a criança precisa é pele, contato, exploração, rir, desfrutar, comer e dormir. Mas, as mergulhamos dentro da água e sofrem com medo de se afogar. Ou as levamos às escolas de estimulação precoce para que aprendam diferentes idiomas aos dois anos de idade, quando, na verdade, o que precisam é brincar e desfrutar da psicomotricidade de forma lúdica para que surja sua inteligência natural e a sua criatividade.

Promover a autorregulação diante da aprendizagem forçada, desde os parâmetros dos adultos, significa acompanhar a sabedoria do instinto e da vida. Porém, impomos às crianças o nosso critério, como êmulos daqueles antropólogos que impunham os costumes ocidentais aos nativos porque as suas não eram as adequadas ou as avançadas. A autorregulação é funcionalidade diante da imposição.

EXPANSÃO E ALEGRIA

Há mais de trinta anos que o nosso coletivo, desde a área de prevenção até a escola infantil de Valencia, Els Donyets (Os duendes), continua nesta linha de investigação e intervenção desde a vida intrauterina até o final da adolescência, praxis denominada, na atualidade, de Ecologia de Sistemas Humanos. Entre outras coisas, pudemos reafirmar que as crianças, como mamíferos, precisam de espaços familiares e sociais amorosos e respeitosos com o seu ritmo interno para regular suas constâncias vitais, amadurecer e adquirir a identidade humana. Tarefa complexa que, quando é levada adiante, nos permite observar as características próprias que levam a procedimentos maturativos em crianças com um alto nível de satisfação, alegria e saúde.

Os bebês assim criados são ativos. Sorriem na maior parte do tempo, dormem menos que o habitual e mostram suas necessidades vitais: afeto, contato epidérmico, mimo, movimento, exploração, fome, sono, frio, calor, através do choro. Têm o olhar vivo, não há tensões nos músculos da testa, mandíbula, pescoço ou o diafragma e, quando são jogados para cima para deixar-lhes cair e peá-los nos braços, não manifestam “angustia pela queda”. Sugam com força e somente mordem o peito quando a mãe esta distraída ou ansiosa. Podem ter momentos de extrema empatia durante a amamentação, causando-lhes espasmos de prazer por todo o corpo; circunstância que Reich descreveu como “orgasmo oral”.

Conforme vão crescendo, mantêm essa tendência à expansão e à alegria. Canalizam a sua criatividade e vitalidade através do jogo espontâneo, meio que lhes ajuda a desenvolver o tono muscular e a amadurecer todos os seus sistemas vitais, incluídos o

sensório-motriz e o cognitivo, aprendendo desde a curiosidade funcional e o coração. Assim mesmo, com formas lúdicas e um ritmo próprio, estabelecem padrões sociais flexíveis e abertos, rejeitando a compulsividade e a rigidez. São solidários, resulta-lhes fácil cooperar e não manifestam atitudes sádicas, competitivas ou vexatórias com os iguais.

A EMOÇÃO DE VIVER

Essas crianças mostram a sua sexualidade, inicialmente, de uma forma aberta e espontânea e, com o tempo, a viverão na sua intimidade. Se surpreendem e sofrem perante as exigências escolares, as atitudes sádicas e a rejeição sexual, mas sabem superar estas situações sem deixar que influenciem em sua maneira de atuar habitual. Este estado de alegria se reflete quando se emocionam e vibram com tudo o que é do seu interesse. Sentem e expressam não somente os estados de felicidade, mas também dor, raiva, tristeza, nostalgia e, de uma forma assertiva e contundente, o que desejam e pensam.

Atualmente, são muitos os pensadores de vanguarda – como o filósofo francês Edgar Morin, o biólogo Chileno Humberto Maturana ou o psiquiatra chileno Claudio Naranjo – que contemplam a educação como algo vital e propõem mudanças radicais para fazê-la mais eficiente e humana. Mas é importante contemplar o fato de que é no sistema familiar, presente desde o início da vida, onde se geram seus pilares fundamentais, como a introjeção dos valores essenciais, a aquisição de um ritmo funcional e a identidade humana. Por isso, é tarefa de todos estabelecer formas de relacionamentos humanizados, não somente com as crianças, mas também entre os adultos, para que ajude a recuperar a alegria de viver e a consciência ecológica, participando assim na mudança global do planeta.

Uma educação humanizada: o primeiro passo para humanizar a sociedade consiste em construir a felicidade infantil, respeitando o instinto natural das crianças.

A força do instinto: espaços familiares e educativos que confiem na força do instinto e na natureza humana, prevalecendo o prazer sobre o dever, onde a criança possa assumir suas responsabilidades de uma forma leve, progressiva, desde a liberdade.

Crescimento natural: gravidez desejada e partos sem violência, com o envolvimento cúmplice dos casais. Amamentação natural em função do ritmo do bebê, em ambientes familiares cooperativos.

Respeito e adversidade: respeitar as manifestações sexuais, contribuindo na informação adequada quando seja demandado. Promover a comunicação direta e as manifestações lúdicas e criativas.

Escolas livres: escolas onde a liberdade solidária, a inteligência emocional e a convivência ecológica sejam os principais sinais de identidade.

Hábitos solidários: facilitar a tomada de decisões a partir da experiência escolhida livremente, sendo advertido das possíveis consequências. Costumes do dia a dia ecológicos e contato usual com a natureza.

Admitir a diferença: aceitação do adolescente e sua “estranha” maneira de comunicar e de agir, necessária para afirmar a sua diferença e a sua identidade.